

## O Materno e o Feminino

Leonardo da Vinci tantas vezes revisitado escreveu que "não raro as visões desejadas pela mãe aparecem impressas nos membros das crianças que a mãe carrega quando tem o desejo".

Hoje diríamos que o que a mãe consome e convive reflecte-se sempre no filho por si gerado.

Múltiplas vezes revisitamos o tempo e o espaço da gravidez como fase essencial do desenvolvimento do feminino que, então, se passa a identificar com o materno.

Com a maternidade, a mulher recria todas as potencialidades da sua condição feminina e personaliza, então, a sua postura simbólica como recriadora do mundo. De facto, o paradigma da identidade humana tem de ser lido na mulher quando grávida.

Gerar um filho é recriar o mundo dando-lhe continuidade, fornecendo-lhe sentido, garantindo-lhe o eterno.

Num velho ditado judaico é dito que Deus não podia fazer tudo e, por isso, criou a mãe.

Nesta imagem, a mulher assume uma condição divina complementar à criação do Homem.

É curioso assinalar que até à nossa era de interventores universitários em que começámos a reflectir, de modo polivalente e pluridimensional, no significado da condição feminina, até esta fase tão recente da história, dizia, quem escreveu sobre a mulher foram, quase sempre homens, quem pintou e musicou a mulher, preferencialmente, foram homens.

Porém, esta circunstância nunca abafou o sentido profundo da condição feminina, nomeadamente porque, a mulher, para além de lhe caber a função da maternidade, assume o grande papel de gerir a inteligência emocional na sociedade em que vive e, assim, nela, os destinos do mundo.

Por outro lado, as alterações biológicas, psicológicas, sociais, emocionais e morais que ocorrem ao longo das

várias fases da gravidez são, afinal, repositórios da condição humana redimensionados, ciclicamente, quando a mulher se assume na maternidade.

As reestruturações, os reajustamentos, a recriação de uma identidade humana que se projecta em cada filho, são identificados pela maioria dos autores como fases de uma crise que é geradora de força e de crença no Homem-Humano, inscritas, porém, num destino em feminino.

Da simbiose à fantasia, da relação à identidade, do fantasmático ao imaginário, da separação à individuação, a condição feminina reestrutura a mulher como mãe do Homem e confere-lhe, então, o significado da existência.

O feminismo no materno é inspiração de um mundo que afinal é ainda masculino, porém recriado na mulher.

Talvez tenha sido esta reflexão fundamental que todo o pediatra afinal tem de reinspirar que criou nos anos 70 uma proposta ainda hoje dominante e que se identifica com a terminologia do "materno-infantil" proposta até como intitulação de comissões nacionais e departamentais na Saúde, nomeadamente hospitalares.

É quando, a partir da condição feminina, reflectidamente, recriamos o sentido do Homem no feminino, que assumimos, porém, que o materno-infantil simbolizador do período mais marcante da vida humana, não é mais, afinal, que uma etapa de identidade existencial, centrada porventura numa realidade mais lata que é a família.

A família existe porque há criança, símbolo da vida que a mulher recria.

É na criança que revisitamos a condição feminina e a condição masculina representadas na família. E será, então, que numa perspectiva profunda da amplitude familiar que poderemos passar a reequacionar os projectos de Saúde e de Educação, conjuntamente, destinados ao futuro do Homem enquanto Criança, porventura simbolizados na Maternidade.

Os departamentos pediátricos terão de ser inequivocamente departamentos da Criança e da Família e a Medicina feto-materna será certamente um dos componentes (filosoficamente exemplares) destes departamentos na

garantia inspiradora do que é condição humana, recriadamente feminina quando de cada maternidade.

O materno e o feminino dão sentido à família, onde, afinal, o Homem nasce.

*João Gomes-Pedro*